

EDUCAÇÃO E RAZÃO: DA RAZÃO TECNOLÓGICA À RAZÃO CRÍTICA.

Roselle Fonseca da Silva Balduino Valente
Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Educação
Mestrado em Educação Brasileira
Comunicação
Cultura e processos educacionais

Este trabalho tem como objetivo estabelecer uma reflexão sobre os conceitos de razão, razão tecnológica e razão crítica e pensar de forma crítica o processo de esvaziamento da racionalidade revelando o estado de alienação e descontentamento presente na sociedade tecnológica. Ao questionar a razão, questiona-se a educação e tratar da educação da razão parece estar na contramão de todos os estudos que propõem uma abordagem mais complexa do homem. Para tanto, terá que ser feita uma abordagem metodológica histórica, através do método dialético da análise filosófica das obras de Adorno e Horkheimer em especial a Dialética do esclarecimento (1985) e Eclipse da Razão (2000). Será utilizada uma pesquisa bibliográfica utilizando somente o que foi referido na temática filosófica afim de não fazer uma extenuante discussão sobre assuntos não relacionados à temática.

Palavras Chaves: razão, educação, reificação.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo estabelecer uma reflexão sobre os conceitos de razão, razão tecnológica e razão crítica e pensar de forma crítica o processo de esvaziamento da racionalidade revelando o estado de alienação e descontentamento presente na sociedade tecnológica. A criticidade é desprezada e a razão é utilizada de forma instrumental para originar e fundar algo que tenha utilidade e seja economicamente valoroso. A sociedade massificada e alienada desenvolve a perda da emancipação e os indivíduos se tornam falsos e sem nenhuma autonomia, tornando-se sujeitos pseudo-individuados e pseudo-formados reproduzindo aquilo que os aprisionam e sacrificando a própria consciência, estabelecendo padrões na forma de pensar, através de um procedimento racional tecnológico, mercantilista e pragmático.

Num primeiro momento, discute-se o conceito de razão como norteador entre meios e fins preservando o sentido e o valor da vida humana e da reflexão crítica, pois a razão vai além da capacidade moral e intelectual, pois opera como atividade intelectual de conhecimento da realidade social e histórica. Em seguida, conceitua-se razão tecnológica como processo de produção do sujeito alienado, coisificado e massificado. Desse modo, a instrumentalização impede a formação de indivíduos autônomos capazes de julgar conscientemente, encontrando-se em poder de uma sociedade manipuladora.

Ao questionar a razão, questiona-se a educação e tratar da educação da razão parece estar na contramão de todos os estudos que propõem uma abordagem mais complexa do homem. A preocupação em educar a razão ao contrário do que possa parecer numa aproximação inicial, não é simplesmente uma resolução, mas um desenvolvimento ao que diz respeito ao essencial de qualquer proposta educativa.

Mesmo porque, ao procurarmos respostas para as resoluções passaremos a nos movimentar num terreno instável, composta por afirmações subjetivas que não resistem a uma reflexão criteriosa sobre a experiência pessoal e nos remetem ao domínio da incerteza. Os sintomas do obscurecimento da consciência do homem instrumentalizado é a incapacidade de criação, falta de originalidade, criatividade e Inconsistência.

Entende-se que é preciso superar uma sociedade voltada para a produção dos bens de consumo, que despreza a natureza humana e principalmente a perspectiva histórica. O indivíduo passa por um processo de alienação e é impossível a sua emancipação sem uma mudança histórica. Implica, então, ruptura no sujeito e na estrutura. O problema está na consciência do sujeito e quando este se coloca no lugar do objeto, não se reconhece nesse objeto da forma que ele se coloca. O sujeito passa a ser mercadoria e a unidimensionalidade atinge a consciência.

O que se propõe é pensar como a racionalidade tecnológica se constitui e como ela se transforma em uma racionalidade crítica no contexto da educação. Para tanto, terá que ser feita uma abordagem metodológica histórica, através do método dialético da análise filosófica das obras de Adorno e Horkheimer em especial a *Dialética do esclarecimento* (1985) e *Eclipse da Razão* (2000). Para este trabalho, entretanto, será utilizada uma pesquisa bibliográfica utilizando somente o que foi referido na temática filosófica afim de não fazer uma extenuante discussão sobre assuntos não relacionados à temática.

Conceito de Razão

O fio condutor para entender a razão em Adorno e Horkheimer é o conceito de razão objetiva que se aproxima do sentido dado pelos gregos e diz respeito à percepção do conceito em si, de modo que o sentido está nele mesmo, e não na busca dos resultados com finalidades práticas e lucrativas. A razão é pensada pela própria razão e é uma condição substancial para o homem garantindo a sua emancipação.

Quando se conceitua razão, filosoficamente afirma-se que a verdade é racional, por reconhecer razão e causa. E julga a realidade operando de acordo com relações causais, consolidando que a realidade é racional em si mesma, pois vai além da capacidade moral e intelectual.

O que é razão ? A passagem de uma consciência mítica para o *logos* e para a *ratio* continua envolvendo a todos? *Logos* é a palavra grega para razão de uma coisa, motivo, causa, fundamento racional. Pensamento que calcula e age na deliberação para encontrar os meios de realizar o bem¹. Razão é o equivalente do *logos* só que em latim.

No séc. XVIII, chamado século da razão, desenvolvida pelo Iluminismo razão finita era a capacidade do homem de julgar e pensar na razão finita como algo pertencente à mente humana. O homem a usava para contar, explicar, prever acontecimentos, calcular, enfim utilizava a razão finita como capacidade mental contra o mundo desordenado. A razão para os iluministas promovia a supremacia, dava sentido à universalidade da humanidade, a formas de sociabilidade. Tinha uma fé cartesiana na razão, tudo era justificado pela razão inclusive a própria razão.

Já no séc. XIX a razão infinita, desenvolvida pelo Romantismo era uma capacidade das estruturas sejam elas sociais, da natureza de se colocar contra o homem, subjogando aquilo que seria a sua razão infinita. Razão infinita é toda capacidade finita, mas não imaginada como na mente humana, ela é imaginada como algo absoluto no universo.

¹ Termos Gregos, Ildeu Moreira Coelho, 2005.

O Romantismo deixa como herança certo otimismo, o sentimento, a razão, a fé e a mística. Há uma busca das origens, da constituição dos estados originais, será reconhecida a importância da arte no processo do conhecimento e do crescimento humano. Para os românticos a História tem uma racionalidade, nada há de irracional, nada há que não possa ser captado pelo sujeito, os momentos na História são racionais. O Romantismo quebrava as amarras de uma educação engessada, o que se vê é expressão do que não se vê, dizia que o homem tem todo o direito de fazer a sua interpretação pessoal do mundo. A razão é limitante e limitada na esfera da vivência humana.

O conceito de razão finita começa a ser questionável e passa a ser razão infinita, a infinitude da razão pode ser: extensa (Espaço) e temporal (História), revelando à idéia de infinito e a possibilidade da consciência. A razão não deixa de ser uma possibilidade de alterar os fatos e é uma potência para transformá-los. A razão infinita enquanto potência rompe com o positivismo, pois esta quando se converte em regra, em método deixa de ser razão e assume a des-razão.

A diversidade de opiniões sobre determinada realidade existe em função das possibilidades da razão e estas se fundem. E sempre será um procedimento racional. A capacidade de distinguir o verdadeiro ou o falso tem a ver com o procedimento de operar a razão sem que um ou outro esteja certo frente ao objeto questionado, porém todos são racionais.

No desenvolvimento de uma crítica essencial à racionalidade e à sociedade moderna, Horkheimer escreveu Eclipse da Razão (1947), em especial no texto “Meios e Fins” investiga o conceito de razão. Salientando o processo da crítica ao pragmatismo ao perguntar para qualquer pessoa.

O que é razão?:

... a sua reação é quase sempre de hesitação e embaraço. Ao ser pressionado para dar uma resposta, o homem médio dirá que coisas racionais são as que se mostram obviamente úteis, e que se presume que todo homem racional é capaz de decidir o que é útil para ele. (HORKHEIMER, 2000,p.13).

Segundo Horkheimer, a gravidade histórica vai além do aparente, o reducionismo racional ao que ele denomina “razão subjetiva”, está vencendo a “razão objetiva”. A razão tecnológica adequa meios a fins, sem que esses fins sejam discutidos, ocorrendo uma sobreposição à razão objetiva a qual valora e estabelece os fins e só então procura os meios. O filósofo em questão dizia que isto era a perda da nossa condição humana e o caos da modernidade.

A crise da racionalidade baseia-se em o pensamento estar impossibilitado de produzir objetividade, ou de negá-la como ilusão. Entende-se que ao compreender a razão objetiva como parte desse universo questionável, esta razão mesmo que seja parcialmente, também foi incompleta e passível de erros e falhas, mas agora

a razão jamais dirigiu verdadeiramente a realidade social, mas hoje está tão completamente expurgada de quaisquer tendências ou preferências específicas que renunciou, por fim, até mesmo à tarefa de julgar as ações e o modo de vida do homem. Entregou-os a sanção suprema dos interesses em conflito aos quais nosso mundo parece estar realmente abandonado”. (HORKHEIMER, 2000,p.18).

Com a decadência da razão objetiva as mesmas forças que induzem à barbárie não se recusam, mas se confundem com a razão ou origina-se dela. “Tendo

cedido a sua autonomia, a razão tornou-se um instrumento. No aspecto formalista da razão subjetiva, sublinhado pelo positivismo, enfatiza a sua não-referência a um conteúdo objetivo; em seu aspecto instrumental, sublinhado pelo pragmatismo, enfatiza-se a sua submissão a conteúdos heterônomos. A razão tornou-se algo inteiramente aproveitado no processo social. Seu valor operacional, seu papel de domínio dos homens e da natureza tornou-se o único critério para avaliá-la. Os conceitos se reduziram a síntese das características que vários espécimes têm em comum.” (HORKHEIMER, 2000, p.29). E nessa mesma idéia de razão que esclarece e emancipa se encontra o principio da regressão, da barbárie e da instrumentalização.

Educação e Razão Tecnológica

O conceito de Razão Tecnologia ou razão instrumental define-se por ser formalística. O que importa é a forma como as idéias e princípios podem ser úteis para alcançar um fim qualquer. Ela só diz respeito aos meios, aos critérios de eficácia e eficiência na escolha dos meios para atingir os fins, tendo em vista a autoconservação do indivíduo. A razão passou a ser concebida como medida do real, uma categoria limitada pela capacidade humana de demonstração experimental. Horkheimer crítica severamente a razão esclarecida, que se apresentava "emancipatória", porém estava conduzindo o homem à barbárie,

o que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens. Nada mais importa. Sem a menor consideração consigo mesmo, o esclarecimento eliminou com o seu cautério o último resto de sua própria autoconsciência. (ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max, 1985.p.18).

Esta razão fracassou, desviou-se dos seus objetivos e acabou comprometida com o poder, com um sistema de dominação e opressão dos homens e da própria natureza. A razão que deveria emancipar transformou-se numa razão instrumental.

A obscuridade que tomou conta da racionalidade contemporânea, anula a razão almejada em nome da formalização. A razão faz com que o indivíduo não torne o pensamento obsoleto, pelo contrário com que a razão surja a cada dia subsidiando as ações e as idéias, comprometendo-se historicamente com as forças sociais que buscam construir um projeto prático de emancipação do indivíduo.

O processo de desencantar o mundo da obscuridade dos mitos e da imaginação e substituir pela razão e pelo saber, deve praticar uma violência contra a natureza, para de acordo com o seu propósito, libertar os homens colocando-os como conquistadores do mundo. Pois, o indivíduo é considerado apenas como empregado e consumidor, dessa forma a própria humanidade é reduzida às condições que representam os interesses da ideologia dominante.

A razão tecnologia impede a formação de indivíduos autônomos, capazes de julgar conscientemente. O homem se encontra em poder de uma sociedade que o manipula e o usa como meio para os fins que deseja, fins utilitários e lucrativos, formando uma sociedade individualista e utilitarista. Constitui a sociedade massificada, com uma cultura alienada veiculada aos meios de comunicação de massa. A massa é sempre passiva e não age com a razão, mas se alimenta de entusiasmos. Renuncia a própria individualidade, trocando-a pelo medíocre “eu coletivo” da multidão. Uma vez que:

A universalidade dos pensamentos, como a desenvolve a lógica discursiva, a dominação na esfera do conceito, eleva-se fundamentada na dominação do real. É a substituição conceptual que exprime a nova forma de vida,

organizada com base no comando e determinada pelos homens livres. (ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max, 1985.p.25)

Educar para a razão é um desafio social e esta prática é distanciada pelo instrumental, o tecnológico e principalmente a falta de esclarecimento. Esclarecimento este que proporciona o educador e o educando ver e produzir a realidade historicamente. Hoje o sujeito dominante passou a ser dominado pelos seus próprios instrumentos de dominação e

a passagem do caos para a civilização, onde as condições naturais não mais exercem seu poder de maneira imediata, mas através da consciência dos homens, nada modificou no princípio da igualdade. Aliás, os homens experiaram essa passagem justamente com a adoração daquilo a que estavam outrora submetidos como as demais criaturas. Antes, os fetiches estavam sob a lei da igualdade. Agora, a própria igualdade torna-se fetiche. A venda sobre os olhos da Justiça não significa que não se deve interferir no direito, mas que ele não nasceu da liberdade. (ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max, 1985,p.27).

O sujeito extremamente reificado opera a regressão de uma suposta emancipação a uma total dependência de uma realidade histórica e social governada pelos princípios práticos da razão tecnológica.

A indústria tecnológica tem formado indivíduos sem esclarecimentos, a sua consciência recebe as informações fragmentadas, como se fossem retalhos de informações de coisas vistas, que passam tão rapidamente que a pessoa não é capaz de ver a totalidade. Recebe as informações parcialmente, soltas e isso nada mais é que um processo alienante que infelizmente tem entrado e avassalado a educação, o educador e o educando.

A realidade não é transparente, então como essa realidade é produzida? E a opacidade de onde provém? Provém da forma como essa realidade se produz. É na forma como ela se produz que a torna opaca. A forma como essa sociedade se produz esconde como ela se produz. É por isso que a realidade é opaca. O fetiche agrega valores que pertence ao humano. O que é conhecimento passou a ser operacional, dentro de uma formalidade racionalizada. Produz como liberdade aquilo que na verdade é a propriedade privada. Esse modo de produzir que se desenvolve no capitalismo é ocultação, é o próprio fetiche, que se dá na produção e se constitui como necessidade de reprodução, ou seja, é reificado. Esse processo de reificação tomou de tal forma a consciência que não há reação, há instrumentalização do indivíduo.

O que falta descortinar é a promessa que não pode realizar. Indivíduos livres da ilusão que podem se relacionar e criar vínculos por meios tecnológicos, à tecnologia que deveria libertar, aprisiona e o desencanto é cada vez mais transparente causando assim a decepção e a descrença. A tecnologia na educação não proporciona uma formação, mas a venda de uma profissão que lhe proporciona meios desse ciclo vicioso não se perder. E com isso ocorre a adaptação a uma sociedade irracional, pois como não existe autonomia, cabe ao indivíduo a adaptação. Adaptação esta que não permite o indivíduo sair do estágio de infantilidade, mantendo-o prisioneiro, alienado e incapaz de suportar o diferente.

A insossa sabedoria para a qual não há nada de novo sob o sol, porque todas as cartas do jogo sem-sentido já teriam sido jogadas, porque todos os grandes pensamentos já teriam sido pensados, porque as descobertas possíveis poderiam ser projetadas de antemão, e os homens estariam forçados a assegurar a autoconservação pela adaptação--- essa insossa sabedoria reproduz tão-somente a sabedoria fantástica que ela rejeita: a ratificação do destino que, pela retribuição, reproduz sem cessar o que já era. (ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max, 1985.p.23)

Esse processo de alienação pode ser entendido como um acontecimento social e histórico, no qual o homem passou a desejar ao sucesso, renunciando a busca da realização de si mesmo em sua totalidade e contentando-se em equilibrar com êxito na sua razão instrumental, na sua profissão, migrando para a relação formalizada e sendo incapaz de suportar o diferente. Até mesmo quando se trata da religião o homem deve ser bem sucedido e para que isso aconteça existem os métodos que os livros de auto-ajuda oferecem. A razão que legitima a barbárie se dá em nome da racionalidade.

Tanto o mais superficial quanto o mais profundo discernimento já contém o discernimento de sua distância com relação à verdade que faz do apologeta um mentiroso. O paradoxo da fé acaba por degenerar no embuste, no mito do século vinte, enquanto sua irracionalidade degenera na cerimônia organizada racionalmente sob o controle dos integralmente esclarecidos e que, no entanto, dirige a sociedade em direção à barbárie. (ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max, 1985, p.29)

A cultura é transformada num grande comércio, converteu-se numa extraordinária forma de justificar e legalizar o existente. A razão tecnológica se destina a constituir e a homogeneizar, obstacularizando, assim, a educação. A arte recebeu o status de uma mercadoria a ser consumida por milhares de pessoas, incapazes de reconhecerem seu verdadeiro significado. “Enquanto imagem, de vê resignar-se à cópia; para ser totalmente natureza, deve renunciar a pretensão de conhecê-la. Com o progresso do esclarecimento, só as obras de arte autênticas conseguiram escapar à mera imitação daquilo que, de um modo qualquer já é.” (ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max, 1985, p.27).

O progresso técnico se transforma no mito, no instrumento de escravização. A mesma racionalidade que promete a cura causa a morte, é uma mentira manifesta. Porém, o indivíduo não suporta a verdade, ele não sabe que sabe, mas não suporta o saber. O esclarecimento tornou-se um obstáculo, em lugar de auxílio. A alienação presente no mundo das mercadorias se definiu por aquilo que ela mesma produz impedindo, assim, a autoconsciência. A razão tecnológica se realiza numa farsa que é disfarçada em interesses particulares e se apresenta como se fosse interesse da humanidade, transformando o pensamento em coisa, “o pensar reifica-se num processo automático e autônomo, emulando a máquina que ele próprio produz para que ele possa finalmente substituí-lo.” (ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max, 1985, p.33).

A emancipação se converte em sujeição, na medida em que o progresso da razão tecnológica regride a condição do ser humano à condição de coisa. Mas o triunfo da instrumentalidade dominadora estabeleceu uma outra fonte de dominação, a própria razão enquanto essencialmente dominadora tendendo a alienar o indivíduo a liberdade.

A tendência de querer tornar o mundo cada vez mais abstrato, tecnológico, com redes virtuais de trabalho, relacionamentos, ensinos e até mesmo a criação de um “país virtual”: força o ser em si, a ter pensamento único e ser dominado sem reação, criatividade ou pensamento próprio.

Tal velocidade tem um impacto ofensivo que gera ansiedade e incertezas diante das exigências e de reformas que muitas vezes tornam o mestre obsoleto por não acompanhar esse imediatismo desenfreado que angustia e que

Com o abandono do pensamento – que, em sua figura coisificada como matemática, máquina, organização, se vinga dos homens dele esquecidos --, o esclarecimento abdicou de sua própria realização. Ao disciplinar tudo o que é único e individual, ele permitiu que o todo não-compreendido se voltasse,

enquanto dominação das coisas, contra o ser e a consciência dos homens. Mas uma verdadeira práxis revolucionária depende da intransigência da teoria em face da inconsciência com que a sociedade deixa que o pensamento se enrijeça... A culpa é da ofuscação em que está mergulhada a sociedade. (ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max, 1985, p.45).

Daí a exigência, por parte de Adorno e Horkheimer, de uma *teoria crítica* que tenha como que tenha como interesse uma sociedade racional emancipada. Com uma sociedade crítica em relação à indústria cultural e seus produtos, incluindo as ciências. É no processo histórico da razão que as questões não se resolvem, mas se desenvolvem e nos forçam a pensar a razão e o mito, o consciente e o inconsciente, o progresso e a regressão, a sociedade e a barbárie.

Da Razão Tecnológica à Razão Crítica

A razão crítica visa oferecer um comportamento crítico nos confrontos com a ciência e o conceito de cultura, propondo uma política de reorganização da sociedade, produzindo a realidade através dos sujeitos enquanto agentes históricos, que operem com outra racionalidade. Toda produção social é historicamente constituída, é uma expressão material e teórica. A razão crítica propõe educar sujeitos capazes de pagar o preço de viver o conflito da contradição, de suportar a falta da ilusão e compreender que nada se resolve na realidade, se desenvolve.

Adorno e Horkheimer fazem uma crítica pessimista da sociedade, porém não descartam a possibilidade da humanidade ser emancipada da própria dominação. A razão crítica propõe eliminar a separação existente entre teoria e práxis, pois se o capitalismo faz parte de um procedimento histórico, a sua transformação também faz parte da compreensão dessa realidade que rompe com ela mesma. E esse processo de transformação pode ter fatores que são tanto emancipatórios quanto de regressão, implicando estruturas de adaptação e autoconervação das formas sociais.

Para a razão crítica a razão deve obedecer critérios os quais não dizem respeito apenas as suas motivações ou interesses pessoais. Firma-se na idéia de que um objetivo pode ser racional por si mesmo, pois não visa tirar nenhuma vantagem que o sujeito possa lucrar. Pressupõe a possibilidade de indagar os próprios fins e pesquisar os sentidos que os próprios fins têm. Os fins estão na própria razão que devem ser questionados, confrontados e não apenas aceitos.

A Filosofia de Adorno, se sustenta na perspectiva da dialética e o fato do sujeito de dominador se transformar em dominado pela própria razão tecnológica e seus instrumentos de dominação, só pode ser compreendido pelo método dialético, através do sujeito histórico que opera com outra lógica racional, num movimento mútuo entre emancipação e dominação. “A dialética revela, ao contrário, toda imagem como uma forma de escrita. Ela ensina a ler em seus traços a confissão de sua falsidade, confissão essa que a priva de seu poder e o transfere para a verdade. (ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max, 1985, p.32). A verdade tem uma dimensão positivista e instrumental e na razão crítica a construção do saber é racional e revela o irracional histórico e social.

A dialética busca, não interpretar, mas refletir acerca da realidade. Interpretando as relações sociais com a finalidade de contextualizar as modificações que ocorrem na sociedade. A dialética entende as modificações estruturais

da sociedade criticando a política econômica, e através da divisão de classes busca suporte para explicar o conceito do contexto social como a miserabilidade, o alto índice de desemprego, etc

É nessa perspectiva que a razão crítica defende a idéia de que, diante dessa razão tecnológica, instrumentalizada, massificada e alienada a emancipação só ocorrerá se for alcançada uma real qualidade de vida, desde que sejam transformadas as condições políticas, sociais e econômicas que sustentam essa sociedade. E as organizações sejam livres da dominação e do controle social. E aceite a dualidade de sujeito e objeto questionando sempre o sujeito frente ao objeto, sem saber se poderá compreendê-lo na sua totalidade.

É inevitável não direcionar para a descoberta das tendências o interesse pela emancipação, sem esquecer das contratendências. Esse interesse pela emancipação fixa para as tendências na realidade social, sem que isso adultere ou deturpe tal realidade. Refletir contra a objetividade seria o estranhamento causado pelas tendências reais de transformação. É por isso que a razão crítica não se confunde com a utopia. “Mas a utopia que anunciava a reconciliação da natureza e do eu surgiu com a vanguarda revolucionária de seu esconderijo na filosofia alemã, e se apresentou, de um modo ao mesmo tempo racional e irracional, como a Idéia de uma associação de homens livres, atraindo para si toda fúria da *ratio*.” (ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max, 1985, p.78).

Por fim, é na perspectiva de um estudo de ordem interdisciplinar que a razão crítica investiga a sociedade tecnológica e industrializada. Questionando os conceitos e retomando-os pela perspectiva racional.

Conclusão

Nos pensamentos de Adorno e Horkheimer a razão ficou incapaz de reconhecer a irracionalidade que ela mesma produziu. É preciso, então, fazer uso da razão crítica para o sujeito perceba o pacto entre a razão e a dominação e suporte a falta da ilusão do desejo. De abdicar do desejo narcísico de que esse desejo é possível.

Educar é reprimir, nomear, inserir o sujeito em um processo de abdicção do próprio desejo, do desejo de diferenciação do eu. Renunciando a si mesmo e a sua incompletude. Para que controlar o desejo interdito se ele já é privado? A indústria cultural, a razão tecnológica incrementa esse desejo para que o consumo ocorra. O desejo já está produzido, só que sofisticado. A ideologia se converteu em realidade e se materializou. E preciso constituir sujeitos que operem com outra racionalidade, com capacidade de estranhamento e consciência.

A questão é: Como educar o indivíduo alienado pela racionalidade tecnológica? A Educação propõe através da escola uma particularidade histórica de fazer o indivíduo livre. A idéia de promover a igualdade está na universalidade. Educação que se dá de acordo com o ritmo do indivíduo. O indivíduo é da universalidade da escola que cria o trabalhador livre e o mesmo oferece alguma resistência. A Educação pela razão crítica é formadora e efetivamente opera numa racionalidade contraditória. As formas de sociabilidade são diferenciadas na educação. É diferente a forma social da escola do mercado, pois a escola enquanto instância tem singularidade.

Nessa mesma perspectiva conclui-se que: “Visto que a história enquanto correlato de uma teoria unitária, como algo de construível, não é o bem, mas justamente o horror, o pensamento, na verdade é um elemento negativo. A esperança de uma melhoria das condições, na medida em que não é uma ilusão, funda-se menos na asseveração de que elas seriam as condições garantidas, estáveis e definitivas, do que

precisamente na falta de respeito por tudo aquilo que está tão solidamente fundado no sofrimento geral. A paciência infinita, o impulso delicado e inextinguível que leva a criatura a buscar a expressão e a luz, que parece abrandar e apaziguar a si mesma a violência da evolução criadora, não prescreve, como as filosofias racionais da história, nenhuma práxis determinada como a práxis salvadora, nem sequer a não-resistência. O primeiro clarão da razão, que se anuncia nesse impulso e se reflete no pensamento recordante do homem, encontrará, mesmo em seu dia mais feliz, sua contradição insuperável: a fatalidade que a razão sozinha não consegue mudar”. (ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max, 1985,p.185).

Essa citação é profícua para estabelecer a compreensão histórica do sujeito e da razão, pois uma vez que são reconhecidos os limites da razão em sua problemática, é preciso questionar dialeticamente a força dos problemas do esclarecimento descrente que parece ter achado explicação na filosofia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO,T.W.; HORKHEIMER, M.Conceito de esclarecimento. In: *Dialética do Esclarecimento*. 2.ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1985. p.7-46.

ADORNO,T.W.; HORKHEIMER, M.Notas e Esboços. Para uma crítica da Filosofia na História. In: *Dialética do Esclarecimento*. 2.ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1985. p.183-185.

HORKHEIMER, Max. Eclipse da Razão. São Paulo:CENTAURO EDITORA, 2000.P.9-64.